

Universidade de Brasília - UnB
Instituto de Letras - IL
Departamento de Teoria Literária e Literaturas - TEL
Monografia em Literatura

O autor, o narrador e a personagem: ideias que se
encontram em *O Guesa Errante*, de Joaquim de
Sousândrade.

Mariana Rodrigues de Sá 09/0141253
Orientadora: Professora Dra. Adriana de Fátima Barbosa Araújo

Brasília – DF
2013

Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Letras – IL
Departamento de Teoria Literária e Literaturas – TEL
Monografia em Literatura

O autor, o narrador e a personagem: ideias que se
encontram em *O Guesa Errante*, de Joaquim de
Sousândrade.

Mariana Rodrigues de Sá 09/0142253
Monografia em Literatura apresentada ao Departamento
de Teoria Literária e Literaturas do Instituto de Letras da
Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para
obtenção do grau de licenciatura em Letras Português e
respectivas literaturas, sob orientação da Professora Dra.
Adriana de Fátima Barbosa Araújo.

Brasília – DF

2013

*O poeta é um fingidor.
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.*

Fernando Pessoa

RESUMO

A partir das noções de narrador e personagem e a presença do autor na obra, buscar-se-á neste artigo investigar como esses elementos aparecem no épico romântico *O Guesa*, de Joaquim de Sousa Andrade, o Sousândrade. Isso porque se percebe uma nítida identificação entre eles, especialmente entre a personagem e o autor, onde este assume a *persona* daquele.

Palavras-chave:

Guesa. Sousândrade. Épico. Narrador. Personagem. Literatura brasileira

SUMÁRIO

1. Introdução	06
2. O narrador do <i>Guesa</i> - epos romântico	07
3. A personagem Guesa: um mito multifacetado	11
4. O Canto V – presença do autor	14
5. Considerações finais	21
6. Referências bibliográficas	22

1. Introdução

Em uma obra literária, dentre várias coisas que ela pode nos apresentar, podemos destacar três elementos importantes: o autor, o narrador e a personagem, onde cada um possui uma identidade própria. Para entendermos esses elementos, é necessário compreendê-los dentro de seu universo comum, a literatura. O autor é um homem de carne e osso, que vive no mundo real e concreto, o gênio criador, que parte da sua experiência de vida e visão de mundo para transformar em arte aquilo que vê e sente; o narrador, voz criada pelo autor, é responsável por contar a história ao leitor, podendo aparecer com um olhar de cima detendo todo, ou quase todo, o conhecimento dos acontecimentos da história, sendo uma voz onisciente em terceira pessoa, a par de todos os movimentos e sentimentos das personagens. Ele também pode ser a própria personagem, falando em primeira pessoa a sua história e a de outras personagens. E, por fim, temos a personagem que é o ser fictício, também, criado pelo autor e que vive no mundo imaginário da literatura, compartilhando com o leitor as suas alegrias, angústias, desventuras e reflexões. Resumindo, é esse ser fictício quem dá vida e movimento à narrativa, conectando o leitor aos mais íntimos sentimentos do texto. Segundo Antônio Candido (1972, p. 54), a personagem “representa a possibilidade de adesão afetiva e intelectual do leitor, pelos mecanismos de identificação, projeção, transferência etc.”.

A partir das noções de narrador e personagem e a presença do autor na obra, buscar-se-á neste artigo investigar como esses elementos aparecem no épico romântico *O Guesa*, de Joaquim de Sousa Andrade, o Sousândrade. Isso porque se percebe uma nítida identificação entre eles, especialmente entre a personagem e o autor, onde este assume a *persona* daquele, conforme afirma Augusto de Campos no prefácio da edição do livro lançada em 2009 (p. 7) “Assumindo alegoricamente a ‘persona’ do índio peregrino, o poeta nos dá um registro poético do seu próprio itinerário de viajante”. Entretanto, não nos prenderemos em uma análise baseada no puro biografismo, buscaremos explorar essa aproximação a partir de índices presentes no texto, ou seja, partiremos daquilo que a obra apresenta. Quanto ao narrador, destacaremos o seu discurso, sobretudo porque se trata de um épico romântico, diferente dos épicos antigos grego, como a *Ilíada* e a *Odisséia*, atribuídos a Homero. Enquanto este tem por característica narrar de modo objetivo, com um discurso retórico mais elaborado, distanciando-se ao máximo da cena que é narrada, aquele, por sofrer influências da estética romântica, tende a um tom mais subjetivo e emocional, aproximando-se com mais afetividade da cena. Nesse sentido, procuraremos explorar o discurso em uma perspectiva

onde se configure a voz do narrador em um tom mais crítico, destacando-se seus posicionamentos e suas opiniões.

As aproximações de ideias entre autor, narrador e personagem são percebidas ao longo de todo o épico *O Guesa*. No entanto, optou-se por delimitar a análise no Canto V, por este se apresentar como um trecho mais autobiográfico, onde é nítida a presença de Sousândrade. Neste canto, a personagem Guesa, fugindo dos Xeques “Atravessando a solidão das mattas” (SOUSÂNDRADE, 2009, p. 108), chega até um de seus vários destinos, a Fazenda Vitória no Maranhão, “Eis bifurcar-se a estrada...para *leste*/Não pode ir mais quem vai do accaso à gloria/Oh! como a selva s’empinou celeste! – Través, o descampado... – eis a Victória” (Idem, p. 123).

2. O narrador do *Guesa* – epos romântico

O nome épico deriva do vocábulo grego “epos”, que significa “narração”, “discurso” e “palavra”. O discurso épico tem origem na oralidade, através dos tempos homens narravam os feitos de heróis lendários para um público interessado. A arte de narrar é contar fatos vividos ou presenciados por alguém, nessa lógica surge a figura do narrador, que é alguém com autoridade para contar a história. O narrador descreve a paisagem, conta a trajetória vivida pelas personagens, podendo ser a personagem ou uma testemunha. O narrador é o mediador entre a história e alguém que esteja interessado em ouvi-la, ou seja, e o agente responsável por transmitir os detalhes da cena, a fim de que o público possa imaginá-la.

Para entendermos como o discurso do narrador se apresenta n’*O Guesa*, e de que modo ele transmite ao leitor a matéria épica articulando os planos mítico e histórico, temos que voltar nossa atenção ao tipo de gênero eleito por Sousândrade, neste caso o épico. *O Guesa* não se trata de um épico tradicional antigo, como a *Ilíada* e a *Odisséia*, de Homero, já que como afirma Bakhtin (1988) a epopeia (antiga) pode ser encontrada não só com algo criado há muito tempo, mas também como um gênero profundamente envelhecido, ou seja, é um gênero que não compreende o mundo moderno e suas relações sociais. Nessa perspectiva, o épico grego parte da lenda, de fatos muito antigos e perdidos no tempo, para narrar a história e os feitos nobres, a fim de elevar uma nação, por meio de um passado glorioso e mítico. São feitos nobres vivenciados por pessoas elevadas. Sua linguagem é específica, pois busca narrar os fatos de modo sublime um mundo objetivo.

O gênero épico, como afirma Hansen (2008), é um gênero morto, pois o heroísmo é improvável e inverossímil quando o dinheiro é o equivalente universal de todos os valores. De acordo com esse argumento, em um mundo capitalista a verdade épica não encontraria espaço, tampouco razão de ser. Contudo, não podemos deixar de levar em consideração que alguns poetas ultrapassaram essa barreira, e mesmo inseridos em um contexto diferente do mundo grego antigo conceberam épicos como expressões artísticas de seu tempo. Nesse sentido, basta voltarmos nosso olhar para o Século XIX, cenário das Revoluções Industriais e Francesa, onde o mundo já se encontrava mergulhado na lógica capitalista, permeada por mudanças radicais no âmbito econômico e social. Em meio a essas mudanças, o Romantismo predomina como movimento estético representando a vida pelas diversas expressões artísticas. Sendo assim, os poetas românticos como Byron e Milton, produziram épicos, configurando um Modelo Épico Romântico:

O Modelo Épico Romântico constitui uma nova manifestação do discurso épico da primeira metade do século XIX, investido pela Matriz Épica Romântica e contaminado pela concepção literária romântica. Filia-se aos dois anteriores pela matriz épica, mas distingue-se pela concepção literária romântica que vai permitir a exploração das lógicas subjetiva da personagem e lírica de sistematização para a realização do ideário romântico de expressar a subjetividade, os sentimentos e as emoções pessoais e de liberar a força da imaginação criadora (SILVA; RAMALHO, 2007, p. 122 e 123).

Apresentado o conceito de Modelo Épico Romântico, sendo este marcado pela subjetividade, o que pode se refletir no discurso do narrador, temos que contrastá-lo com o modelo épico antigo, principalmente porque este se apresenta objetivo. Essa objetividade do discurso reflete diretamente no modo como o narrador aparece no texto. Conforme Lúcia Chiappini (LEITE, 2006, p.9), Hegel na *Estética*, filtrou os pensamentos aristotélico e platônico, acerca dos três gêneros: o épico, o lírico e o dramático. Assim, caracterizou-os da seguinte maneira: o primeiro como estritamente objetivo, o segundo sendo subjetivo e o terceiro como sendo a simbiose dos outros dois, aparecendo como objetivo-subjetivo. Baseando-se no pensamento de Hegel sobre a objetividade do discurso épico, a autora sintetiza o seguinte (Idem):

Assim a poesia épica seria aquela em que, do conjunto dos homens e dos deuses, brotaria a dinâmica os acontecimentos que o poeta deixaria evoluir livremente, sem interferir. Trata-se de uma realidade exterior a ele, com a qual não se identifica a ponto de se envolver com os sentimentos, pensamentos e ações dos caracteres em jogo.

O discurso objetivo, característico do épico grego, não permite ao narrador se envolver no que ele narra, justamente porque ele está distanciado, ao contrário do Modelo Épico Romântico, que está sujeito a um tom mais intimista e subjetivo. Logo, podemos pensar em uma separação entre o discurso épico grego e o discurso do modelo épico romântico pela dicotomia objetivo-subjetivo.

No âmbito da escola romântica brasileira, segundo uma classificação cronológica, Joaquim de Sousa Andrade pertence à segunda geração de poetas românticos. Sua produção artística estava inserida em um contexto no qual o subjetivismo, à moda de Musset e Byron, ganhava força no discurso literário. Sendo assim, o épico *O Guesa*, como vamos verificar, está carregado dessa áurea subjetiva, bem como de inovações estéticas tanto no que diz respeito aos recursos estilísticos, quanto ao tratamento dado às temáticas próprias do romantismo, refletindo-se no tratamento que o narrador dá à cena a qual está contando. Essa postura mais aproximada do narrador do épico romântico coaduna-se com a do narrador do romance.

Na EPOPÉIA, o NARRADOR tinha uma visão de conjunto e se colocava (e colocava o seu público) à distância do mundo narrado. O seu tom era solene; ele era o rapsodo, uma espécie de vate, de iniciado, de mediador entre as musas e seus ouvintes. Já o narrador do ROMANCE – quando a narrativa se prosifica na visão prosaica do mundo, quando se individualizam as relações, quando a família se torna nuclear, quando o que interessa são os pequenos acontecimentos do cotidiano, os sentimentos dos homens comuns e não as aventuras dos heróis – perde a distância, torna-se íntimo, ou porque se dirige diretamente ao leitor, ou porque nos aproxima intimamente das personagens e dos fatos narrados (Idem, p. 11).

Ao contrário do épico antigo, o narrador n' *O Guesa* se posiciona criticamente, não se restringindo apenas à narração da cena, mas ocupando um lugar de destaque na narrativa, aproximando-se de fato do que narra. O trecho abaixo (SOUSÂNDRADE, 2009, p. 108) ilustra como o narrador se posiciona em relação à ocupação de terras indígenas pelos colonizadores:

*Hi foram tribus; onde resupinos
Estão hoje os senhores rodeiados
Dos cabras parasitas, assassinos
Da faca e o bacamarte aparelhados;
(...)
E onde estão os vilões civilizados
Foram os selvagens, livres na investida
À sombra de suas setas resguardados,
No amor da glória e da luctada vida;*

No trecho acima, o dado histórico é a expulsão de povos autóctones de suas terras pelos brancos, “os senhores”. São estes senhores denominados de “villões civilizados”, que “rodeado” por “cabras parasitas” e “assassinos”, “munidos de “faca” e “bacamarte”, eles ocupam terras que antes foram dos índios. Podemos verificar que o narrador critica a ocupação e que vê os invasores brancos como inimigos violentos, algozes dos selvagens que um dia foram livres. Trata-se de uma crítica ao processo colonizador de Portugal e Espanha na América do Sul, aqui o narrador não se mantém neutro, pelo contrário, ele faz questão expressar sua revolta e que é preciso expressá-la.

Abaixo, outro fragmento (Idem, p. 131 e 132) que comprova o posicionamento crítico do narrador, em uma questão também polêmica, se referindo à postura não exemplar de entidades ou indivíduos no que diz respeito à ética cristã:

*Para de Salvador darem-lhe a palma,
O resuscitam o corpo, ou não lh'a dão:
Provam a divindade do Deus da alma,
Nascer, morrer, prodígios! Se não, não!
Ponde-o em vosso govêrno, em vossa casa,
Em vossa sociedade, em vosso templo,
Em vosso amor, a ser do lar a braza,
Não só o mestre, um tanto mais – o exemplo.
Impostores a declamar – deixai-nos
Da liberdade ao peito a segurança,
E o meigo entristecer d'essa esperança,
Que dá-nos quem melhor tactou dos céus:
(...)
Não vós; ele é quem 'stácomnosco e é Deus.
Não vós que aproveitais de idolatrias;
Nem vós iconoclastas, pelo templo
Em cobranças – schismaticos, o exemplo
Seguis do mercador; ou do Messias?*

O narrador profere uma espécie de sermão, de modo imperativo, ele critica aqueles que conhecem e reconhecem o Salvador, mas que não vivem o seu exemplo. Critica o discurso impostor, bem como os iconoclastas e idolatras, induzindo o leitor a se posicionar em relação ao assunto, finalizando com uma indagação “*Seguis do mercador; ou do Messias?*”, como um ultimato em que resposta é sugerida pelo discurso anterior, ou seja, o narrador deixa claro a sua aversão a essa postura falsa e hipócrita, que se vale do discurso da ética cristã para se autoafirmar na sociedade, escondendo os seus reais interesses.

Diante da postura desse narrador do *Guesa*, de se colocar como voz participativa em determinados assuntos de ordem mais polêmica, demonstrando pouca imparcialidade, cabe

fazer uma ressalva quanto a essa intervenção. Para Aristóteles (1981), o poeta deve falar o menos possível em seu próprio nome, caso contrário não seria um imitador. Diante desse argumento, ele menciona Homero que, para ele, aparece o menos possível, porque seu narrador não intervém na cena narrada, passando o comando da ação para as personagens. Tratar-se da objetividade do narrador épico. Podemos verificar pelos fragmentos acima, o contrário disso no narrador do *Guesa*, que não se exclui do objeto narrado, visto que ele se posiciona, proferindo juízos de valor acerca do assunto, ou seja, não se trata de um narrador distante e concentrado apenas em mostrar, mas que expressa seu ponto de vista. Contudo, essa marca não predomina em todo o canto, queremos mostrar que ela existe, uma vez que o narrador, ainda que se posicionando em certos assuntos, também está alinhado a um discurso meramente objetivo, como no trecho a seguir no qual ele apenas descreve como a personagem se encontra em um momento de tristeza (SOUSÂNDRADE, 2009, p. 138):

*E esta Equidade eterna, que aos céus dera
O raio serpentino, deu à terra
A serpente radiante – açoite e açoite
Ou relampago, ou acção fugaz da noite.
A dor foi longa, viu-se a pausa que houve–
E continúia o Guesa, tristemente
A fronte a alevantar, que tão pendente
Taciturna caía–.*

Nessa passagem, o narrador assume um papel mais parcial, apenas demonstrando ao leitor como a personagem se sente. Ele não questiona este sentimento, não o rebate, não procura uma causa, tampouco provoca o leitor a refletir sobre, nesse caso, temos um narrador objetivo.

3. A personagem Guesa: um mito multifacetado

Sousândrade partiu de uma lenda dos índios muíscas da Colômbia para compor o seu projeto épico-romântico. Para tanto, recorreu à pesquisa antropológica do alemão Humboldt, em seu livro *Vues de Cordillères* (1810-13) e a seção “Colombine” da enciclopédia *L’Univers* (1837), redigida por César Famin. O Guesa, cujo significado de seu nome é “Sem Lar”, ou “Errante”. Trata-se de uma criança raptada dos pais, que, após a peregrinação na estrada do Suna, era sacrificado aos quinze anos de idade, em tributo ao deus sol conhecido como

Bochica. O ritual de sacrifício era realizado pelos sacerdotes – os xeques, onde em uma praça circular era a vítima a ser sacrificada atada a colunas circulares, sendo atingido por flechas, seu sangue era recolhido em vasos sagrados e seu coração oferecido a Bochica, abrindo-se, assim, um novo ciclo de peregrinação e sacrifício.

Para entendermos a complexidade da personagem construída por Sousândrade, é necessário compreendermos a proposta indígena trazida por ela, o que o diferencia do modelo de índio consagrado por José de Alencar. O Guesa se destaca como herói indígena, diferenciando-se do índio de Alencar, porque ultrapassa as barreiras da representação do mito nacional, alcançando um patamar mais elevado, representando um índio transcontinental, transformando-se em um herói multifacetado, com uma identidade mais plural. Ele não figura apenas um índio muísca colombiano, mas inca peruano e brasileiro. A personagem nascida nos Andes “Eu nasci no deserto,/Sob o sol do equador:” (SOUSÂNDRADE, 2009, p. 47), o Guesa de Sousândrade também se apresenta na roupagem de um nobre inca “Traja apenas sandália e manto (ao jeito Do Inca), mas de ouro puro e pedras belas”. (Idem, p. 117). Além disso, o Guesa cresceu na Fazenda Vitória, no Maranhão, “Jerusalem das selvas, ó Victória,/Onde ao collo do amor crescera o Guesa” (Idem p. 133). Dessa maneira, a personagem apresenta um hibridismo de nacionalidade, sem com isso perder a essência heroica. Sua trajetória segue uma linha frenética de tempo e espaço, percorrendo a América fugindo dos xeques. Mas antes de ser um fugitivo, o Guesa é um viajante que erra pelos desertos, como é chamado por Dudaleda, a mulata brasileira, “Viajor sitibundo dos desertos” (Idem, p. 110), ou de peregrino, como ele mesmo se assume “–Romeiro solitário dos espaços (Idem, p. 134).

Distanciando-se do mito e aproximando-se do humano, é que conseguimos enxergar melhor a diferença entre o herói indígena idealizado por José de Alencar e o Guesa. O herói de Sousândrade carrega em si o peso da consciência crítica e a constatação de um mundo hostil para ele, separando-se do colonizador e se assumindo como parte oprimida. Ao contrário de Peri que se transporta para o mundo branco naturalmente, sem questionamentos.

O índio de Alencar entra em íntima comunhão com o colonizador. Peri é literal e voluntariamente, escravo de Ceci, a quem venera como sua *Iara*, “senhora”, e vassalo fidelíssimo de dom Antônio (BOSI, 1992, p. 177).

Cabe esclarecer que não estamos questionando o heroísmo de Peri, mas sim a postura assumida por ele ante o colonizador. Além disso, este se diferencia do Guesa por ser um índio idealizado, distante da realidade histórica dos indígenas, enquanto o Guesa é, como afirma

Luíza Lobo (2005), uma opção realista para a criação do herói. Assim se diferencia do índio de Alencar que se sacrifica ao branco sendo-lhe servil, em um ato que, para ele, é sublime. Enquanto o Guesa foge do sacrifício e da submissão gratuita.

Nesse sentido, se por um lado o Guesa representa um modelo indígena mais universal, representando um índio coletivo, ele também se apresenta como indivíduo com questões de foro particular, que lhe conferem uma áurea extremamente voltada para o eu, carregada de tristeza e solidão, típico do caráter do herói romântico “Deitado a sós na solidão das flores,/Eu contemplo a harmonia das estrelas:” (SOUSÂNDRADE, 2009, p. 138).

O Guesa é uma figura mítica colombiana, porém também é brasileiro, pois “Cresceu n’este paiz” (Idem). A personagem é paradoxal, uma vez que ela apresenta incoerências em relação ao que é enquanto lenda. Isso porque o Guesa é uma vítima que fica cativa até os quinze anos para ser depois sacrificada, e no trecho a seguir o narrador aponta que ele cresceu no Brasil (Idem, p. 122).

*E nobremente galopava o Guesa
Pela estrada cheirosa dos palmares,
Que não penetra sol e à natureza
Elevam nos desertos a voz dos mares.
Cresceu n’este paiz, o melhor feito.*

O índio Guesa, como herói épico-romântico, representante de um passado mítico nacional, também honra a sua pátria, neste caso o Brasil, reconhecendo o seu valor, “...vêde o Cruzeiro do Sul, o d’esta pátria co’os destinos-/Que honre todo peito brasileiro!” (Idem, p. 136). A personagem constantemente volta a sua infância, e se lembra com saudade do lugar que deixou (a fazenda Victória) (Idem, p. 136 e 134).

*–Desde que esses logares tão queridos
Foram deixados pelos imprudentes
Passos da minha infância, os innocentes
Dias do meu princípio estão perdidos*

*“Em pouco os bosques haverão crescido
Onde eu nasci, excepto o foragido
E os sem memória ventos dos palmares...*

Outra faceta da personagem é sua identificação como poeta. Em determinados momentos o herói assume essa caracterização (Idem, p. 141):

*Bem hajam os que respeitem a tristeza
Em que o bardo recolhe-se!..o Imigo
Não foi a do Horto perturbar: e eu sigo
C'o a mente a humana historia – e como pesa*

No fragmento acima, o Guesa está em uma espécie de acampamento, onde dormem os “pagens” cansados e ele solitário. São ouvidos contos de fantasmas e índios. Configura-se um momento característico da estética romântica: o bardo (o poeta) recolhe-se em sua tristeza, e o inimigo (Imigo) não o perturba em seu Horto (bosque). Vê-se que a presença do poeta como parte desse exílio solitário, o poeta, sobretudo o romântico, é humano e um fugitivo do mundo real, que se compreende em sua tristeza para seguir na história humana. Assim o Guesa identifica-se com o poeta romântico. O Guesa é um índio que reconhece a si como parte de uma história marcada por opressão e morte, e sua figura reflete uma áurea superior “E nobremente galopava o Guesa” (Idem, p. 122). Ele se impõe como guerreiro, ainda que ultrajado pela perseguição dos xeques. Contudo, não podemos deixar de lado as contradições que a personagem apresenta. Suas contradições evidenciam-se na sua identidade, já que é uma vítima mitológica peruana, que cresceu em uma fazenda no Maranhão, que se compara a um poeta. Além disso, é um índio realista e humanizado, que se posiciona diante do drama coletivo, e, por outro lado, também é um guerreiro que se entrega ao vazio da solidão e da melancolia “Elles descansam; eu à dor me entrego” (Idem, p. 141).

O Guesa não pode ser encarado como um personagem simples, pelo que podemos verificar, temos um indivíduo complexo e multifacetado, que não se resume em um aspecto acabado. Apesar de sua figura representar um peregrino errante, um índio lendário, sem lar, ele é de um lugar, a Fazenda Victória, que representa um lugar que lhe é familiar, conferindo-lhe um sentimento de pertencimento, como se este fosse o verdadeiro lar do Guesa “Oh! paz e amor ao genio bom dos lares,/Quea luz ofende, que importuna accende/Pródigo filho, a dor d'estes logares” (Idem, p. 138).

4. O Canto V – presença do autor

O Canto V, está classificado pelos irmãos Augusto e Haroldo de Campos no livro *Revisão de Sousândrade* (2002) como uma das partes conhecida como “Interlúdio no Maranhão”. Ele está datado de 1862, quatro anos após a publicação dos quatro cantos anteriores. Nele, o poeta se identifica com o destino do Guesa. Há um trecho muito

significativo destacado nesse Canto, o qual é apresentado o seu programa poético “Ele afinou as cordas de sua harpa/ Nos tons que ele somente e a sós escuta” (SOUSÂNDRADE, 2009, p. 117). Além disso, a personagem rememora a infância, o solar da Vitória e seus quilombos e sua ruína, as pessoas amadas, a mãe, a filha, a irmã e a esposa entre outros, em momentos que fazem referência à história de vida de Sousândrade. A todo o momento, tanto a personagem como o narrador, exaltam esse sentimento de pertencimento à Vitória, como sendo um lar acolhedor para o Guesa, “Oh! paz e amor ao genio bom dos lares,/Que a luz ofende, que importuna acende/Pródigo o filho, a dor destes logares!” (Idem, p. 138).

Seguindo a dinâmica temporal dos outros cantos do épico, o Canto V pode ser subdividido em episódios que não seguem uma lógica temporal, ficando difícil a compreensão para o leitor desatento. Isto porque, como bem elucida Luiza Lobo, o Canto V tem como função adaptar as cenas de *flashback* relativas aos primeiros cantos:

Em o *Guesa*, o herói chega à Fazenda Vitória onde, através das recordações da vida dos pais falecidos, rememora seus próprios amores passados e faz referência a viagens anteriores, explica ao leitor os acontecimentos ocorridos nos quatro primeiros cantos e o prepara para os *flashbacks* que ocorrerão nos cantos VI a VIII. (LOBO, 2005, p. 94)

Assim sendo, alternam-se relatos de lendas folclóricas, descrição de ambientes, alucinações, lembranças de fatos e pessoas, cenas da infância entre outros. Trata-se de um universo bem diversificado onde em um mesmo canto acontecem vários momentos diferentes, que aludem a momentos anteriores. Como no fragmento abaixo em que a personagem, ao visualizar a paisagem que percorre para chegar até a fazenda, se expressa alegremente. A descrição sugere um rio (referência simbolista), rememorando as cheias causadas pela chuva, ao passo que, também, rememora uma passagem de sua infância nesse lugar com companheiros (SOUSÂNDRADE, 2009, p. 115).

“Eis as flores; a planta na alegria
Tem um riso também – quão frescas margens!
Estas correntes, que da noite ao dia,
Do branco leito seu s’erguem selvagens
“E as cheias pluvias mugindo voam
Através dos sertões, desconhecidas
Dos mapas das sciencias, oh! queridas
À nossa vinda são! Ainda resoam
“Echos por hi algures, bem os ouço
Dos caçadores companheiros meus–
E qual na infância, hoje eu volto moço
Nos collos bracejar velozes seus”.

Ao chegar à fazenda, sua alegria é suplantada pela tristeza (Idem, p. 123):

*Fôra beijar a terra juncto à porta
Do arruinado casal, que não entrara;
Co'o pavor que ver deante sombra morta
Se apartando mui lento, se assentara
Triste ao pé do bacurizeiro annoso,..*

Em meio a um universo emocional, a Fazenda Victória vai ganhado espaço nas lembranças da personagem, por meio da voz do narrador. Como nos trechos abaixo, que descrevem a casa grande e a senzala e seus escravos (Idem, p. 125):

*Era o solar – um edificio austero
De espaçosa rural architettura:
Aos hospedes o lado todo inteiro
Do norte pertencia, onde segura
Morada tinham e benvindos foram,
(....)
Ao sul, os aposentos da família
E, de angelim co' a rustica mobília,
Ao meio a grande sala do trabalho. “
(...)
As senzalas ao de redor, cobertas
Da palma, mui saudavel, mui sonora
À noite, à chuva – ali n'azas abertas
O pardo beijaflor não dança agora
Às auras dos fumaes, e as bananeiras,
Onde os ranchos, tão limpos! entre-estavam,
Gordos crioulos retouçando às beiras*

O trecho acima é uma longa descrição acerca das dependências da fazenda, neste caso, destacam-se duas unidades espaciais importantes: a casa grande e a senzala. Ambos os espaços são descritos com detalhes, em tom memorialístico. Assim a descrição segue o plano da lembrança e não o do presente. Como se fosse a lembrança de um passado afortunado. Sendo assim, o que, na realidade, se vê seria um ambiente decadente e em ruínas. Como no fragmento abaixo, em que a personagem lamenta a perda dos bens herdados, sugerindo o processo pelo qual tudo se acabou (Idem, p. 142):

*“Recordar, e que assim sempre me deixa?
-Quanto! Quanto fizeram-me soffrer!
Levar de mundo a mundo, que nos vexa,
Os bens de nossos paes, ‘te os perder...
“Nascer-se nobre e haver muitos captivos,
Terras vastas por campos e por montes,
E ouvir ao campo, ao monte, aos ventos vivos*

*Dos céus, aos astros: ‘estes horizontes
“Todos, todos são teus!”...*

E no final do canto, a personagem lamenta as ruínas da Vitória (Idem, p. 146):

*“O tecto do casal!.. Oh! Oh! descombra!
Abre-se ao meio! Os ang’los cedem, vão-se,
Hiante o gôlfo! a lacerada sombra
Enchem destroços, que uns nos outro dão-se,
“Que uns aos outros se abatem, s’ergem, somem,
Surge, dançam, que rolam no ar, pendendo
Em seu dia afinal, que se consomem
No abalado sepulchro – que tremendo
“Estala, range, e s’econjuncta, e inteiro
Rue colossal por terra! Os céus reboam
No horizonte do mundo, e pó-nevoeiro
Noite escurece! Ruínas amontoam!”*

No fragmento acima, a personagem descreve com tom de desespero assustador, a ruína da Fazenda Vitória, como se esta estivesse desmoronando “Oh! oh! descombra!”. Tudo se esvai e o Guesa vê-se diante de seu lar arruinado, impotente diante de um cenário destruído “Enchem-se destroços”, “pó-nevoeiro”. É a fazenda em seu dia final, antes um solar colossal, agora “Ruínas amontoam”. Assim, no Canto V, temos as três visões da fazenda: uma gloriosa e saudosista, outra relembrando o processo de decadência e a final com a destruição da Fazenda “No deserto depois cresceu a selva;/Sobre a Victória os ventos ondulam”.

Para Aristóteles (1981), a obra do poeta não consiste em contar o que aconteceu, mas sim o que poderia acontecer, ou seja, falar de coisas possíveis dentro do ponto de vista da verossimilhança ou da necessidade. Sendo assim, contar os fatos tais como são é tarefa do historiador e ao poeta cabe narrar o que poderia ser do ponto de vista da arte. Humboldt fez a sua pesquisa antropológica sobre o ritual de sacrifício muísca ao deus Bochica, para tanto, utilizou um olhar de observador dos fatos para descrever o ritual. Valendo-se da pesquisa do naturalista alemão, Sousândrade compôs o seu projeto poético, *O Guesa*, articulando mitologia e história em um das obras literárias mais complexas e inventivas da literatura brasileira. O poeta é um inventor de mundos, ele parte daquilo que vê e sente para compor o sublime. Nesse sentido, apesar de reconhecermos que a obra de arte é um ente independente, não podemos deixar de levar em conta que nela há a presença de um autor que se “esconde” atrás de um narrador, e que para a composição de uma personagem ele parte de um mundo no qual vive, buscando nele sua inspiração. Como bem aponta Antonio Candido (1972, p. 67),

em seu estudo sobre a personagem de ficção, onde faz referência aos estudos de Mauriac acerca da estreita relação entre autor e personagem no romance:

Neste mundo fictício, diferente, as personagens obedecem a uma lei própria. São mais nítidas, mais conscientes, têm contorno definido, - pois há nelas uma lógica pré-estabelecida pelo autor, que as torna paradigmas e eficazes. Todavia, segundo Mauriac, há uma relação estreita entre a personagem e o autor. Este a tira de si (seja da sua zona má, da sua zona boa) como realização de virtualidades, que não são projeção de traços, mas sempre modificações, pois o romance transfigura a vida.

Nesse sentido, como propomos para análise neste trabalho buscamos compreender a obra *O Guesa*, a partir da noção de narrador e personagem e como esses elementos articulam com as ideias do autor, pois como afirma Lefebvre (1980, p. 181) “toda a narrativa é subjetiva e ideológica”. No caso do *Guesa*, sobretudo no estudo do Canto V, cabe uma leitura voltada para a identificação do autor e sua personagem, a partir de referenciais encontrados em seu texto. Para os irmãos Campos (2002, p. 48), “Sousândrade identifica o seu destino de poeta e a sua biografia (a incompreensão de seus contemporâneos e de seus próprios familiares, motivo em parte de suas contínuas andanças pelo mundo) como o fadário de um novo *guesa*”. Isto porque, o Canto V, como já dissemos, trata-se de uma passagem mais autobiográfica, onde a personagem se identifica com o poeta, já que aqui são narrados os momentos onde o Guesa volta para a Fazenda Vitória (lugar onde viveu Sousândrade), e são lembrados momentos da infância vividos ali, por um índio que é fugitivo de uma tribo colombiana, mas que se comporta como ente familiar daquele lugar.

Manejador de disfarces, o autor, camuflado e encoberto pela ficção, não consegue fazer submergir somente uma sua característica – sem dúvida a mais expressiva – a apreciação. Para além da obra, na própria escolha do título, ele se trai, e mesmo no interior dela, a complexa eleição dos signos, a preferência por determinado narrador, a opção favorável por essa personagem, a distribuição da matéria e dos capítulos, a própria pontuação, denunciam a sua marca e sua avaliação. (DAL FARRA apud LEITE 2006, p. 18).

Quanto à escolha do mito, sem dúvida, há na figura lendária colombiana um universo que de certa forma fascinou Sousândrade. O significado da palavra a *guesa*, da língua quíchua, quer dizer “sem lar”, seguida do adjetivo errante, que em uma das acepções dadas pelo Dicionário Houaiss quer dizer “que não tem residência fixa, que vive como nômade, que anda sem destino, que se engana”, o que corrobora com o itinerário de viajante do poeta.

Sousândrade percorreu destinos inusitados, como visitas ao Rio de Janeiro, Amazonas, Chile, Peru, Colômbia, Estados Unidos, Antilhas, Golfo do México, França, Inglaterra entre outros, trazendo esses lugares para a composição do *Guesa*.

O índio fugitivo percorre os destinos do poeta, interpretando a paisagem e assimilando culturas, sob um olhar crítico e humano. É o Guesa um “viajor” peregrino dos desertos por onde erra, assim como seu criador “Triste viajante da nocturna brisa” (SOUSÂNDRADE, 2009, p. 140). Luiza Lobo (2005, p. 74) destaca a relação das datas dos cantos com os momentos vividos pelo poeta-guesa-errante: “Efetivamente, parece-me que se trata, na poética de Sousândrade, de uma solução de dupla leitura: as datas indicam momentos da vida do poeta, constituindo, no plano do enunciado, um enredo autobiográfico.”

O poeta foi errante, não só por seu histórico de viagens pelo mundo, mas, sobretudo, porque poetizou um índio humano e real, utilizando-se de um gênero dito acabado para contar uma história. Inovando, também, a linguagem empregada, renovou-a. Destacou-se por se afastar de modelos estéticos estabelecidos pelo romantismo, sendo à época classificado como incompreensível, mas para a crítica do século XX foi considerado simbolista, barroco e pré-modernista. Assumindo o risco de não ser compreendido para conceber a sua obra com a liberdade que se permitia, não se traindo em nome de convencionalismos e modelos rígidos. Esse posicionamento de autoafirmação poética se comprova no texto “Das Memorabilia”, que introduz os cantos V a VII “... o autor creu sempre que todo poeta, sob pena de escravidão e morte, deve ser o que ele é, e não o aconselham para ser” (SOUSÂNDRADE in CAMPOS 2002, p. 195). De fato, pagou um preço por isso, pois *O Guesa* só lido após muitos anos.

Nascido em 9 de julho de 1832, na Fazenda Nossa Senhora da Vitória, Joaquim de Sousa Andrade (Sousândrade), era herdeiro de uma família abastada produtora de arroz, faleceu em 21 de abril de 1902.

Sousândrade provinha de uma família de abastados fazendeiros de arroz no Pericumã, José Joaquim Pereira de Sousa Andrade e Maria Bárbara Cardoso. Ambos morreram em data ignorada, quando Sousândrade era ainda criança. De acordo com certas passagens de *O Guesa*, numa leitura biográfica, alguns comentaristas deduziram que as posses da família foram dilapidadas por um tutor ou talvez por falsos amigos... (LOBO, 2005, p. 33)

De fato, há no Canto V, quando o narrador menciona uma espécie de lembrança rancorosa acerca de uma herança perdida “- Mas, que servem juízes e tutores/Aos tristes pequeninos sem seus paes!/Melhor fôra não terem defensores,/Do que tantas misérias e...legaes.” (SOUSÂNDRADE, 2009, p. 134). Há um hibridismo contraditório na

personagem, pois sendo indígena faz parte de uma cultura tida como “inferior” perante a do branco civilizado. O Guesa surge como possuidor de servos “Do Guesa os servos, que dispersos foram” (Idem, p. 137). Além disso, também possuidor de escravos, lembrando-se destes tempos com saudosismo (Idem, p. 136):

*“E nas eiras colheita preciosa
Descarregado os carros cantadores,
Musica do horizonte harmoniosa
Ao coração feliz dos lavradores;
“E nos patios outrora sonorosos
Aos tambores, que ledos amanheciam,
O escravos em brancos e vistosos
Trajos, que mais a cor do preto abriam.*

A relação autor-personagem no Guesa segue um movimento de aproximação e distanciamento, onde a as culturas branca e indígena são assimiladas revelando a presença biográfica de Sousândrade, ainda que mascarada. No trecho a seguir, a personagem descreve uma visão de sua mãe, possivelmente seu espírito, aqui nominada Dona Maria Bárbara, referência ao nome da mãe de Sousândrade (Idem, p. 144):

*“E os olhos mudos por silencio bello,
Os olhos qual os meus; o andar sereno,
O porte veronil; do hombro moreno
Ao em torno a pender-lhe o indiocabello;
“E a regia fonte, altiva, alevantada
Qual a de um genio – eu te reconheço!
E porque sinto n’alma que obedeço
Ao teu olhar! em nada estas mudada–
“As saudades de ti sempre revivem!...–
Flores...s’infloram nos luanes do oiro
(Que ao sentido dos astros ao me privem!)
Anjos... os laranjaes...todo o thesoiro!..
“Dona Maria-Barbara... o teu filho
Voltou um homem, como tu disseste*

A mãe Dona Maria-Barbara surge como um índice importante na aproximação do autor com sua personagem, aqui ela nos é descrita tendo um “hombro moreno” e um “índio cabelo”, sua imagem se transfigura nas feições de uma índia, a mãe do Guesa, cujo nome de batismo cristão revela a sua origem senhorial, o que denota a interação entre Sousândrade e o Guesa em uma atmosfera mais íntima, a familiar. Sousândrade casou-se com uma viúva abastada e analfabeta, chamada Dona Mariana de Andrade Silva, que lhe abandonou indo

morar em Santos junto à filha do casal, cuja abandono o Guesa relata com rancor “Ver uma esposa, um ente de doçura/Fazendo o que nem fez o Reprovado–“ (Idem, p. 141).

Ante o exposto, podemos verificar nos trechos do Canto V momentos nos quais a personagem está inserida em um contexto distante de sua origem lendária, identificando-se com elementos biográficos de Sousândrade. O autor se colocou em sua obra, ou seja, saiu de sua posição distanciada de artista inserindo-se no universo literário que criou.

5. Considerações Finais

Ao optarmos por uma análise que se volta para a interação entre o poeta e sua obra, ou seja, verificar nela índices que comprovem a sua presença dentro do universo ficcional é um tanto arriscado, tendo em vista que para alguns críticos a obra é um ente independente. Contudo, em relação ao *Guesa*, podemos verificar, por meio de referências no texto, a identificação do destino do autor e sua personagem. Como escritor, mais do que isso, observador da vida, Sousândrade transpôs para o universo mítico maravilhoso da lenda alguns momentos da sua vida, o que nos possibilitou um olhar voltado para a compreensão da sua angústia como poeta errante de seu tempo, arruinado e massacrado pela lembrança de tempos afortunados. Escolhendo o gênero épico para contar a trajetória do herói índio colombiano, identificando-se com a sua própria, monumentalizou tanto a história americana como elevou a sua vida privada.

Outro ponto de destaque, é que ao assumir a *persona* de um índio, desceu do pedestal de intelectual abastado, se colocando no lugar do oprimido. Além disso, avançou no discurso a respeito do nativo, uma vez que lhe deu uma voz forte e guerreira, ainda que carregada de uma entrega fatal à melancolia, de poeta romântico solitário e triste. *O Guesa* possui um discurso forte, proferido por um narrador épico que não se exclui do que narra, mas pelo contrário, um narrador que se posiciona criticamente, demonstrando sua indignação ante problemas sociais e morais, não sendo parcial, mas conduzindo o leitor a uma reflexão sobre o processo de colonização das Américas e o falso moralismo impregnado da falácia iconoclasta.

Em *O Guesa* a história e o mito se encontram em uma trama épica, onde o autor não se exime de se projetar para além do mundo real, inserindo-se no contexto ficcional, fazendo com que as suas ideias sejam compartilhadas por meio de uma voz narrativa épica, e sua trajetória seja vivida, pelo menos em parte, por uma personagem que lhe é distante e próxima ao mesmo tempo, distanciando-se na raça, por ser o Guesa um herói indígena, e aproximando-

se na errância na vida de viajante solitário. Resumindo, a obra de arte proporciona ao poeta poetizar-se.

6. Referências bibliográficas

ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINO. A Poética clássica. Trad. Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 1981.

BAKHTIN, Mikail. Epos e Romance (Sobre a metodologia do estudo do romance). In: **Questões de Literatura: a teoria do romance**. São Paulo: UNESP; HUCITEC, 1988.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2006.

_____. **Um mito sacrificial: o indianismo de Alencar**. In: Dialética da colonização. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CAMPOS, Augusto de; CAMPOS, Haroldo de. **Revisão de Sousândrade**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

CANDIDO, Antonio. A personagem do Romance. In: **A personagem de Ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

HANSEN, João Adolfo. Notas sobre o gênero épico. In: TEIXEIRA, Ivan (Org.). **Épicos**. São Paulo: Edusp, 2008.

LEFEBVE, Maurice-jean. **Estrutura do discurso, da poesia e da narrativa**. Coimbra: Almedina, 1980.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. **O Foco Narrativo** (ou A polêmica em torno da ilusão). São Paulo: Ática, 2006.

LOBO, Luiza. **Épica e modernidade em Sousândrade**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2005.

SILVA, Anazildo Vasconcelos da; RAMALHO, Chistina. **História da Epopéia Brasileira: teoria, crítica e percurso**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

SOUSÂNDRADE, Joaquim de. **O Guesa**. São Paulo: Annablume, 2009.